

MansA
Maison des Mondes Africains

Amílcar Cabral

Por um humanismo radical

16.10 — 13.12.26

Dossiê de imprensa



© Nú Barreto — *Nha História* (2024)

De 16 de outubro a 13 de dezembro de 2026, a **MansA – Maison des Mondes Africains** dedica uma exposição a **Amílcar Cabral** (1924-1973), fundador do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) e figura de proa das lutas de libertação na África lusófona.

Concebida por **Armelle Dakouo** e **Ângela Benoliel Coutinho**, a partir de uma ideia original de **Paula Nascimento**, a exposição coloca em diálogo o pensamento crítico de Amílcar Cabral e a criação artística contemporânea. Reunindo **nove artistas**, a exposição explora a maneira como seu legado continua a inspirar e fomentar as práticas contemporâneas. As obras, produzidas no espaço da lusofonia africana e além dela (Guiné-Bissau, Cabo Verde, Senegal, Portugal), compõem uma geografia viva daquilo a que Cabral chamava luta.

Cem anos após seu nascimento e cinquenta anos após seu assassinato, o pensamento de Amílcar Cabral permanece atual. Diante dos desafios contemporâneos — soberania, desigualdades mundiais, deslocamentospopulacionais —, seu pensamento oferece chaves preciosas para pensar o mundo de hoje.

Sumário

Sobre a MansA 4

Nota curatorial 6

Sobre as curadoras 9

Um panorama da exposição 11
- ↘ Nú Barreto
- ↘ Diogo Bento
- ↘ Filipa César & Sónia Vaz Borges
- ↘ Yuran Henrique
- ↘ Hamedine Kane
- ↘ Sarah Maldoror
- ↘ Mónica de Miranda
- ↘ Bento Oliveira

Universo sonoro da exposição 30

Catálogo da exposição 31

Programação cultural associada 32
- ↘ Encontros e debates
- ↘ Programas MansA
- ↘ CinéMansA: sobre os filmes em exibição

Equipa da exposição 38

Nossos parceiros de comunicação 39

Informações práticas e contatos 40



© Sacha Valeix, MansA / 2026

Sobre a MansA



© Paul Labourie / MansA, 2026

MansA é uma instituição cultural pública aberta a todas e todos, dedicada à promoção, transmissão e valorização das culturas contemporâneas dos mundos africanos.

Espaço híbrido, sem fronteiras entre disciplinas, a MansA se define ao mesmo tempo como uma casa de artistas, um ponto de encontros, um centro de recursos e uma incubadora de talentos aberta ao mundo. Em resumo: um laboratório vivo em que se cruzam artistas, pensadores, investigadores e ativistas, para fomentar novas formas de criação e de análise crítica. Instalada em pleno 10ème arrondissement de Paris, a **MansA** desenvolve uma programação pluridisciplinar não apenas dentro do espaço, mas também em itinerância.

A instituição possui uma responsabilidade: oferecer chaves de compreensão para tornar inteligíveis ao maior número de pessoas as dinâmicas históricas, culturais e políticas dos mundos africanos.

Uma programação concebida como um grande encontro, em que a experiência humana e a emoção permanecem centrais, onde nos encontramos tanto para aprender quanto para estar juntos.

Nota curatorial

As independências africanas dos anos 1960 assistiram ao surgimento de uma geração de pensadores, de estrategistas e fundadores de Estados, cujo legado continua trazendo luz aos debates contemporâneos. Entre eles, Amílcar Cabral ocupa um lugar singular.

Revolucionário, engenheiro agrónomo, humanista, panafricanista, Amílcar Cabral é frequentemente citado, ao lado de Frantz Fanon, como um dos grandes pensadores críticos do século XX. Como Kwame Nkrumah no Gana, e Patrice Lumumba no Congo, Cabral encarna a aspiração dos povos africanos de se reapropriarem de seu destino.

Em 1956, Amílcar Cabral funda com seus companheiros militantes o PAIGC, Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, num momento em que os dois territórios ainda se encontravam sob domínio colonial português. Para Cabral, a libertação nacional não se limita à conquista da independência política: ela supõe uma transformação profunda das sociedades, das culturas e das consciências. Baseando-se na experiência das independências já conquistadas no continente, ele organiza durante anos, na clandestinidade, uma luta armada apoiada num trabalho paciente de mobilização das populações camponesas.

“Ainda ninguém realizou uma revolução vitoriosa sem teoria revolucionária.”★

* Todas as citações são de Amílcar Cabral.

Visionário, Cabral teorizou desde os anos 1960 ideias que são até hoje debatidas: pós-colonialismo, soberania cultural e, ainda, ecologia decolonial. Para ele, arte e cultura não se situam na periferia do combate político: elas estão em seu cerne. Thomas Sankara inspirou-se diretamente dessa ideia.

“Defender a terra é defender o humano”★

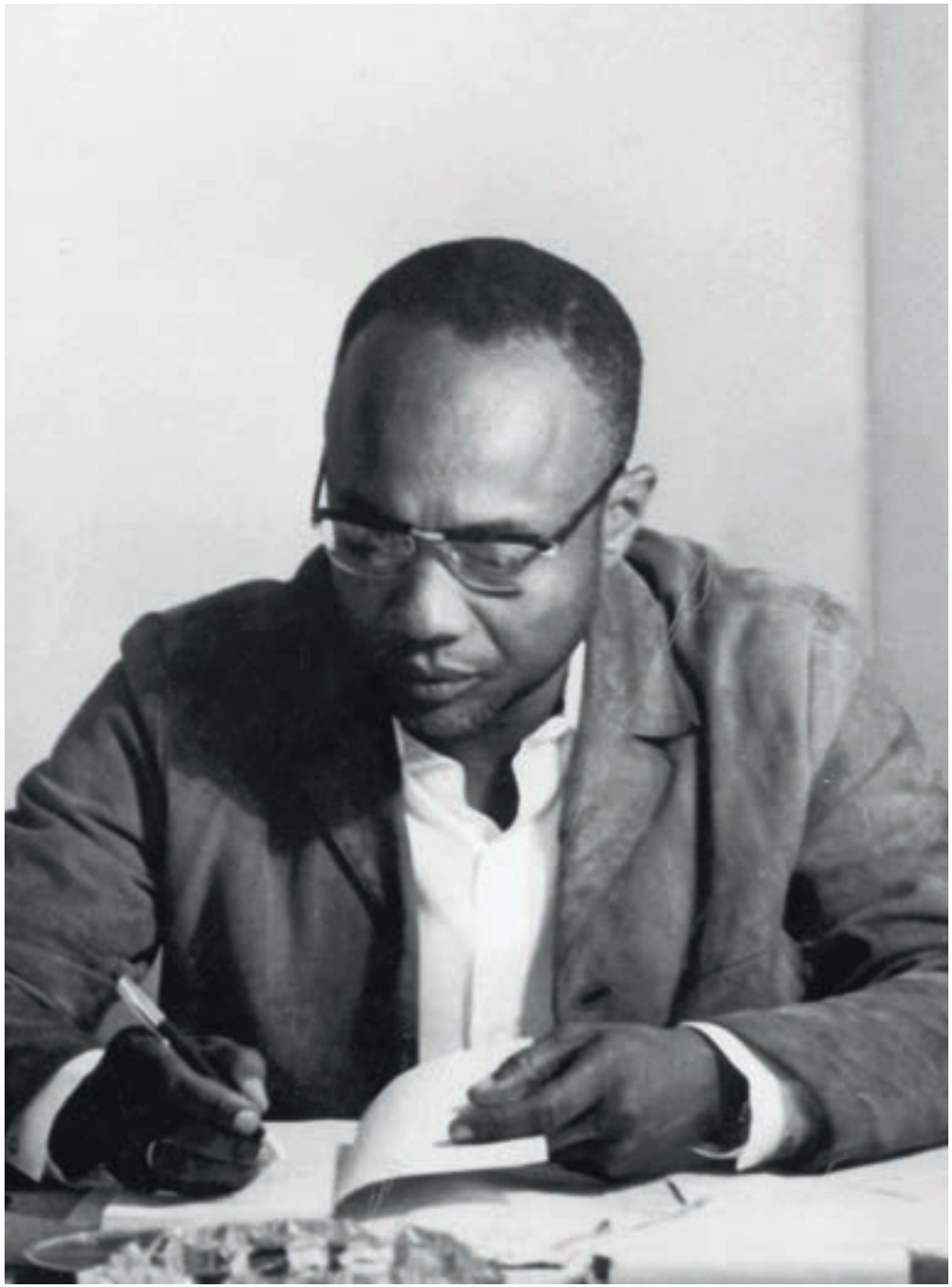
A exposição coloca uma questão essencial: o que Cabral nos diz ainda hoje? Em que medida seu pensamento e seu método – compreender o mundo para melhor transformá-lo, conceber a cultura como força de emancipação – podem ser considerados um legado universalista, cujo alcance ultrapassa o continente africano para se dirigir à humanidade como um todo?

A influência de Amílcar Cabral atravessou continentes e gerações, inspirando tanto Angela Davis nos Estados Unidos, quanto pensadores do Egito, Senegal, Nigéria e Líbano. Ainda hoje, seu pensamento ecoa com uma força renovada. Alguns chegam a falar de um “Renascimento Cabraliano”, num momento em que a cultura volta a afirmar-se, em toda a parte, como um terreno de resistência e mobilização. Apesar de sua importância, seu legado encontra ainda dificuldades para ultrapassar os círculos universitários e especializados.

“A luta é, antes de tudo, política, a cultura é a arma.”★

Nove artistas – Nú Barreto, Diogo Bento, Filipa César, Mónica de Miranda, Bento Oliveira, Hamedine Kane, Yuran Henrique, Sónia Vaz Borges e Sarah Maldoror – são convidados a dialogar com o pensamento de Cabral, a prolongar suas interrogações, ou a reinventar perspetivas, explorando noções que se encontram no centro de sua reflexão: identidade, nação, pertença e resistência cultural.

Arte têxtil, fotografia, instalação, vídeo, desenho: os próprios formatos carregam questões políticas. Os filmes de Sarah Maldoror, cineasta pioneira e companheira de luta, habitam a exposição como uma presença fundadora. Representando a lusofonia africana e não só, da Guiné-Bissau ao Senegal, de Cabo Verde a Portugal, eles compõem uma geografia viva daquilo que Cabral chamava de luta.



© DR

Sobre as curadoras



© Bénédicte Kurzen

Armelle Dakouo

Armelle Dakouo é curadora de exposição independente e diretora artística especializada em arte contemporânea africana e afrodiaspórica.

Há quase vinte anos, ela desenvolve uma prática curatorial comprometida com as questões de memória, arquivo, transmissão e circulação das narrativas, através das exposições, pesquisas curatoriais e colaborações internacionais.

Formada em contato com as cenas artísticas do continente, trabalhou no Senegal e depois em Marrocos, entre 2009 e 2017, período em que produziu diversas exposições itinerantes na África Ocidental e acompanhou a divulgação de artistas afrodescendentes, contribuindo para a circulação de suas obras em diferentes contextos internacionais.

De 2017 a 2024, foi diretora artística da feira *Also Known as Africa* em Paris (AKAA), plataforma dedicada à visibilidade das criações dos mundos africanos na cena internacional.

Entre seus trabalhos mais recentes estão: a cocuradoria da Bienal do Congo, em Kinshasa (2022), a curadoria de Photosa em Ouagadougou (2025), bienal de fotografia contemporânea, além de projetos voltados para o espaço mediterrâneo e para a cena caribenha. Em 2026, foi nomeada Curadora Geral da 15ª edição dos Encontros de Bamako, Bienal Africana de Fotografia, com o tema *Refabulação(ões)*.

Ângela Benoliel Coutinho

Ângela Benoliel Coutinho é investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI, Universidade Nova de Lisboa).

Doutora pela Universidade de Paris I – Panthéon-Sorbonne, em 2005, sua tese analisa os percursos dos dirigentes do PAIGC entre 1956 e 1980. Lecionou na Universidade de Paris X e em outros estabelecimentos de ensino superior em Cabo Verde.

Contemplada com uma bolsa de pós-doutoramento pela FCT (Fondation pour la Science et la Technologie), realiza pesquisas com o apoio de diferentes fundações internacionais e publica regularmente artigos e capítulos de publicações, além de participar de conferências internacionais, sendo, em algumas delas, também coorganizadora.

Colabora com inúmeras fundações, dentre as quais a Fundação Amílcar Cabral, em projetos de preservação, com o apoio da Fundação Gulbenkian e UNESCO-BREDA. Também é curadora científica da exposição Cabo Verde e Nações Unidas 50+.

Desde 2021, colabora com a rádio RDP África em programas dedicados à história de África e do colonialismo português. Foi a criadora do programa radiofónico DOSSIER ÁFRICA na RTP África (menção honrosa no Prémio Mário Soares – Liberdade e Democracia 2025).



© Bénédicte Kurzen

Aperçu de l'exposition

↘ Nú Barreto 12
Nha História

↘ Diogo Bento 14
Cabral Ka Mori

↘ Filipa César, Sónia Vaz Borges 16
Mangrove School

↘ Yuran Henrique 18
Untitled Orunmilá Series

↘ Hamedine Kane 20
Amílcar Cabral e Sarah Maldoror

↘ Sarah Maldoror 22
Fogo, Île de Feu | Carnaval Dans Le Sahel | A Bissau, Le Carnaval

↘ Mónica de Miranda 26
Greenhouse | Island e Our Bodies Are Older Than the Images or the Words

↘ Bento Oliveira 28
Na Pundi

Sobre

Nú Barreto

Nú Barreto nasceu em 1966 na Guiné-Bissau. Vive e trabalha em Paris.

Formado na Escola Nacional Superior das Artes e Indústrias Gráficas (Les Gobelins), Nú Barreto desenvolve uma obra pluridisciplinar e engajada. Reconhecido desde 1998, quando representou a Guiné-Bissau na Exposição Universal de Lisboa, segue desde então uma carreira internacional, e está entre as figuras mais importantes da arte contemporânea africana. O desenho, sua linguagem de predileção desde a infância, alimenta uma narrativa incisiva da África contemporânea e de suas violências. No centro de sua obra, o *homo imperfeito* encarna um alter ego da humanidade confrontada com suas contradições e responsabilidades: com o corpo deformado pela dor e pelo medo, a boca que grita, ele expressa sofrimentos e memória coletiva sobre um fundo de vertigem, despojado de cenário.

A cadeira e a escada, elementos recorrentes na obra de Nú Barreto, simbolizam a instabilidade dos Estados africanos e um elevador social que não funciona, enquanto animais e objetos fora de uso evocam os imaginários do ocidente africano. Nú Barreto conserva, no entanto, uma confiança profunda no humano. Ao zombar de seu homo imperfeito, ele abre espaço para sua superação, deixando surgir uma mensagem de esperança.



A artista desenvolve uma obra pluridisciplinar e engajada.

Prévia da obra apresentada
↘ Nha História





© DR

Sobre

Diogo Bento

Diogo Bento nasceu me 1984. Vive e trabalha entre Lisboa (Portugal) e São Vicente (Cabo Verde)

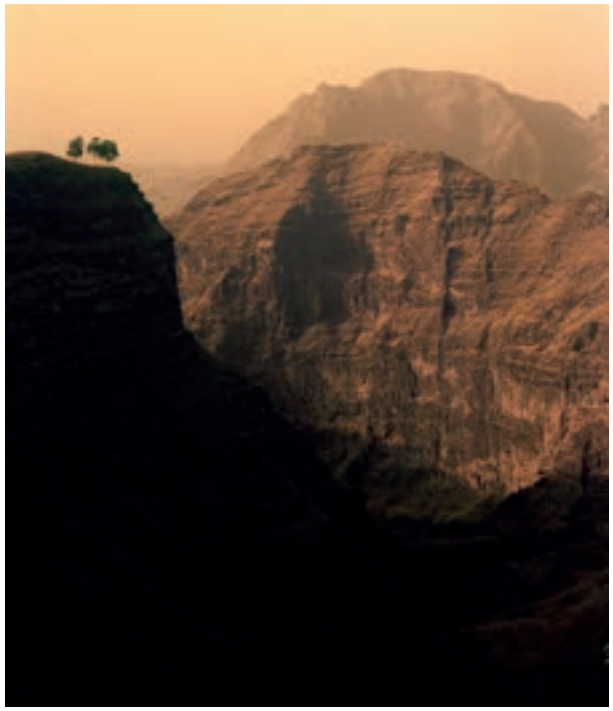
Sua prática artística, no cruzamento entre fotografia e instalação, explora a paisagem como um espaço onde se encontram temas culturais, políticos, ecológicos e simbólicos. Diogo Bento interessa-se especialmente por territórios contestados, moldados por processos contemporâneos de apropriação, domesticação e transformação, muitas vezes em contextos pós-coloniais. Sua obra, atravessada pela ecologia, arquitetura, ciências e agricultura, interroga a de(colonialidade), a justiça social e a crise ecológica, ao mesmo tempo que lança um olhar crítico sobre os regimes visuais da fotografia.



Seu processo volta-se para os rastos, os estratos de acumulação e as significações latentes da paisagem.

Curador de exposição, fotógrafo e produtor cultural, ele é membro fundador da AOJE, organização dedicada à fotografia, e participou de inúmeras iniciativas artísticas e pedagógicas, dentre as quais a residência Catchupa Factory – Novos Fotógrafos (2016-2022). Diogo Bento prepara atualmente um doutorado em Artes dos Medias na Universidade Lusófona de Lisboa, onde também leciona fotografia documental.

Prévia da obra apresentada
↘ Cabral Ka Mori







© DR

Sobre

Sónia Vaz Borges é uma historiadora e militante sociopolítica cabo-verdiana. Vive e trabalha nos Estados Unidos da América.

Suas investigações e seu trabalho abordam nomeadamente as histórias de resistência, as mobilidades e as experiências diaspóricas africanas. Doutora em filosofia pela Universidade Humboldt de Berlim, é autora da obra *Militant Education, Liberation Struggle, Consciouness: The PAIGC education in Guiné-Bissau 1963-1978*. (Peter Lang, 2019). Sónia Borges é atualmente investigadora na Universidade Humboldt de Berlim. No âmbito de suas atribuições universitárias, elabora atualmente um projeto de livro baseado no conceito de "arquivo ambulante" e no processo da memória e dos imaginários.

Sónia Vaz Borges et Filipa César

Filipa César nasceu no Porto (Portugal) em 1975. Atualmente, vive e trabalha em Berlim. Seu trabalho transita entre a realização cinematográfica e a escrita, passando pela concepção de exposições.

Ela explora as dimensões ficcionais da montagem cinematográfica, as relações entre imagem em movimento e recepção, assim como temas econômicos, poéticos e políticos que atravessam a prática do cinema.

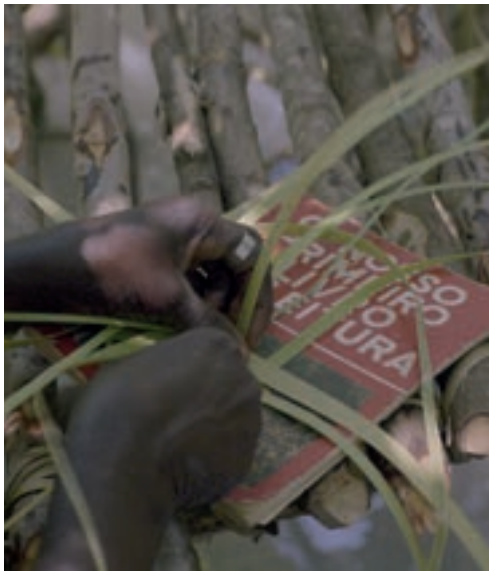
As investigações de Filipa César sobre os imaginários do movimento de libertação da Guiné-Bissau, consideradas como um laboratório para epistemologias decoloniais, começaram em 2011 e produziram inúmeros projetos coletivos, tais como *Luta Ca Caba Inda* e *Mediateca Onshore*. Seu trabalho foi apresentado internacionalmente durante festivais de cinema e bienais, e em instituições artísticas.

Prévia da obra apresentada
↘ Mangrove School





© DR





Sobre

Yuran Henrique

Yuran Henrique nasceu em 1993 em Mindelo (Cabo Verde). Vive e trabalha entre Cabo Verde e Espanha.

Através da escultura, da pintura, da fotografia e da instalação, Yuran Henrique explora as potencialidades de materiais, tais como tecido, aço e pigmentos.

Através de mudanças de escala, ilusões e justaposição de objetos do cotidiano, seu trabalho – no encontro entre escultura, pintura, fotografia e instalação – interroga nossa forma de atribuir valor e dedicar atenção ao mundo que nos rodeia. Yuran Henrique reconfigura, assim, nossa relação com o ambiente e com as interações sociais, deixando emergir narrativas que colocam em questão as formas hegemónicas do saber.

Vivendo na Praia desde 2014, participou da exposição Artes Visuais – Cabo Verde Contemporâneo (2016) e da Bienal de Cerveira em Portugal (2017). Em residência no CAAM (Espanha), realizou a série *Calendars*, exposta em 2018 no próprio museu. Em 2022, entrou para a Escola de Arte Ásíkó (Lagos), recebeu a bolsa *Africa No Filter Emerging Artists Fellows*, e colaborou com a estilista Angela Brito, para transformar suas pinturas em estampas, que foram apresentadas na Fashion Week de São Paulo.

Prévia da obra apresentada
↘ Untitled Orunmilá Series







© DR

Sobre

Hamedine Kane

Hamedine Kane é um artista e cineasta senegalo-mauritano. Nascido em 1983, vive entre Bruxelas, Paris e Dakar.

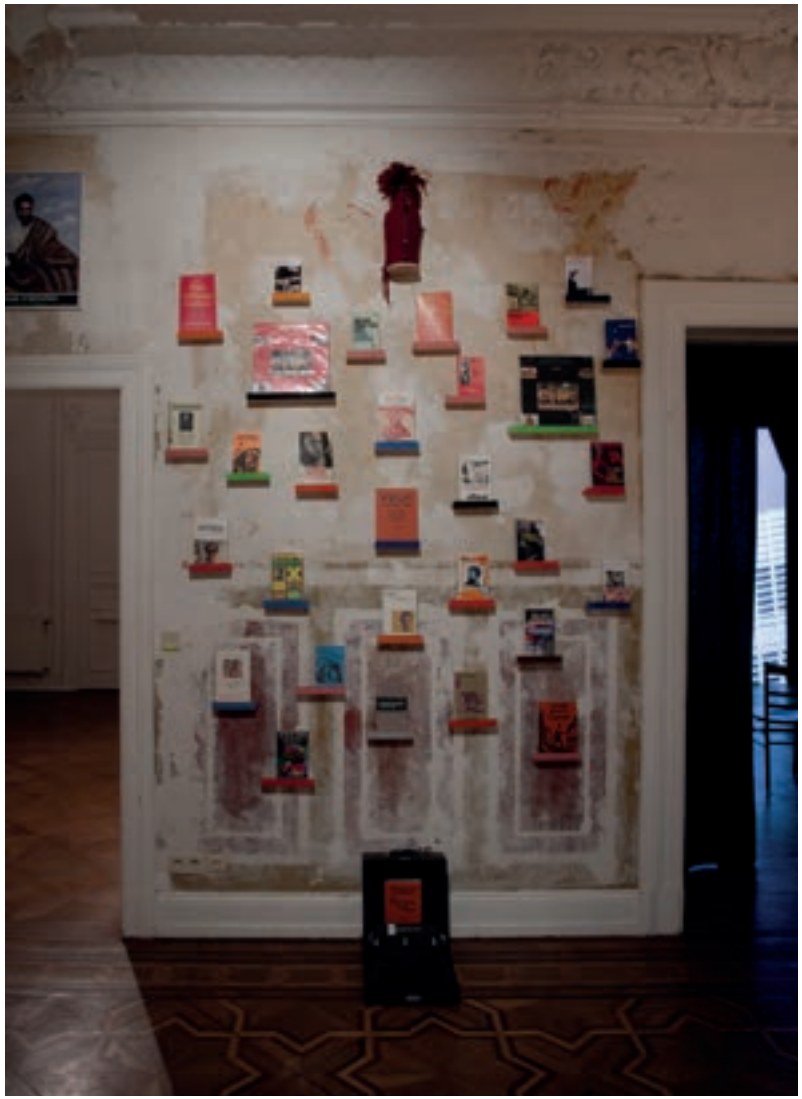
Sua prática artística explora os temas da migração e das fronteiras, através do cinema, da fotografia, da performance e da instalação.



Formado como bibliotecário, estudou produção editorial em Paris, antes de se instalar em Bruxelas, em 2004.

No seu trabalho, Hamedine Kane considera as fronteiras não como símbolos, limites ou fatores de impossibilidade, mas como espaços de passagem e de transformação. Cofundador da *École des Mutants*, interessa-se pela transmissão dos saberes pós-coloniais.

↘ Prévia do trabalho do artista





© Courtesy Hamedine Kane

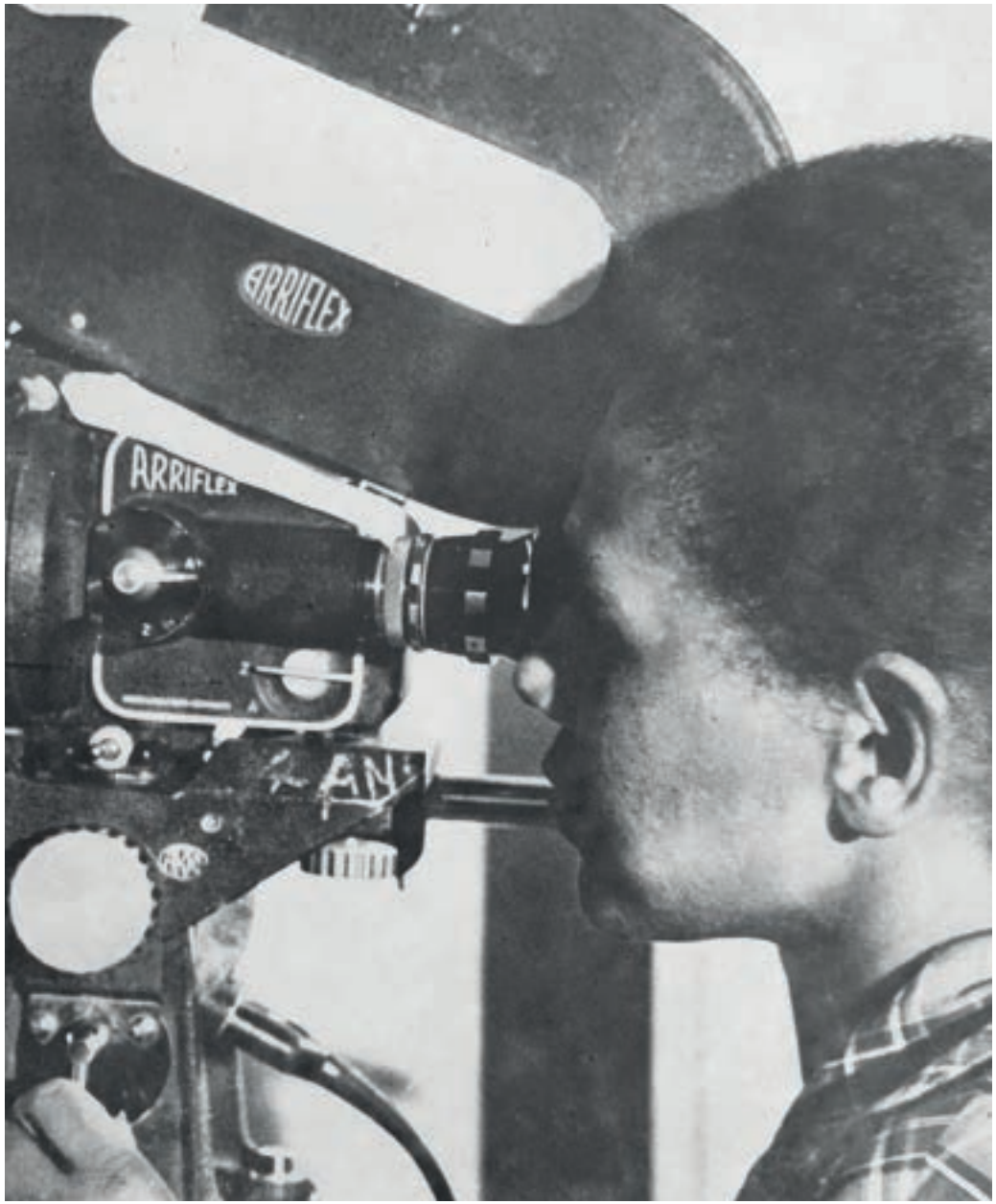
Sobre

Sarah Maldoror

Sarah Maldoror (1929-2020) percorreu o século comprometida em acompanhar, através de seus filmes, as lutas de independência e seus legados complexos.

Pioneira atrás das câmeras, contribuiu para moldar um novo imaginário africano, a partir de uma nova representação do corpo negro, de um lugar de destaque reivindicado pelas mulheres nas lutas a travar, e da sobrevivência de um pensamento humanista e sensível, do qual ela se fez inigualável transmissora.

Obra de uma humanista incansável, ela celebra o comprometimento do artista e da arte como ato de liberdade.



© René Vautier

Prévia dos filmes em exibição (1/3)

Fogo, Ilha Do Fogo
1979, 34 minutos
França

Realização | Sarah Maldoror
Fotografia | Pierre Bouchacourt, Sana Na N'Hada
Som | Henri Roux
Montagem | Salvatore Burgo

Na ilha vulcânica do Fogo, em Cabo Verde, a celebração de uma história lendária herdada dos colonizadores portugueses é realizada no dia 1º de maio. Nessa ilha rochosa, sem água, varrida pelos ventos, a lenda dá lugar a duelos cavalheirescos e corridas de cavalo, muito apreciados pelos habitantes.



© Courtesy Annouchka de Andrade e Henda Ducados

Prévia dos filmes em exibição (2/3)

Carnaval no Sahel
1979, 28 minutos
França/ Cabo Verde

Realização | Sarah Maldoror
Fotografia | Pierre Bouchacourt
Som | René Bichet
Montagem | Salvattore Burgo

A cineasta filma os preparativos do festival e do desfile em Mindelo. Sem comentário, o espectador é levado pela força das imagens e pelo orgulho dos cabo-verdianos. No filme, a cultura é uma forma de reapropriação da história, dos fundamentos da libertação nacional e um meio de resistir à dominação colonial.



© Courtesy Annouchka de Andrade e Henda Ducados

Prévia dos filmes em exibição (3/3)

Em Bissau, O Carnaval
1980, 18 minutos
França / Guiné-Bissau

Realização | Sarah Maldoror
Fotografia | Jean-Michel Humeau
Som | Thierry Sabatier, Josefina Lopes
Montagem | Sylvie Blanc
Música | Bonga

Desde a independência da Guiné-Bissau, em 1974, após cinco séculos de colonização portuguesa, os habitantes celebram todos os anos o carnaval de Bissau, a capital do país. Originalmente, essa festa era um espaço de celebração reservada aos colonos. Aos poucos, porém, os guineenses apropriaram-se dessa manifestação popular para construir coletivamente um mundo imaginário que subverte as relações de dominação colonial.



© Courtesy Annouchka de Andrade e Henda Ducados

Sobre

Mónica de Miranda

Mónica Miranda nasceu no Porto (Portugal) em 1976, de pais angolanos. Vive e trabalha atualmente entre Lisboa e Luanda. Artista plástica, cineasta e investigadora, ela desenvolve uma prática no cruzamento entre imagem, memória e narrativas diaspóricas.

Sua prática interdisciplinar aborda de maneira crítica as interseções entre política, gênero, memória, espaço e história.

Seu trabalho, que engloba desenho, instalação, fotografia, cinema e som, situa-se na fronteira entre o documentário e a ficção.

Mónica Miranda é fundadora e diretora artística do *Hangar*, em Lisboa, centro de arte e de investigação, que fomenta a criação e os intercâmbios entre artistas e investigadoras e investigadores, nomeadamente, do Sul Global. Também foi investigadora na Universidade de Lisboa, onde coordenou o polo de investigação "Pós-Arquivo: políticas do lugar, da memória e da identidade".

Seu trabalho foi apresentado em diversos eventos internacionais, nomeadamente em bienais (Sharjah, Lagos, Lubumbashi, Berlim, Dakar, Casablanca, Malta,...), e em instituições artísticas do mundo inteiro. Em 2024, representou Portugal na Bienal de Veneza, com o projeto Greenhouse.



Prévia da obra apresentada
↘ Greenhouse | Island





© Matteo Losurdo

Sobre

Bento Oliveira

Bento Oliveira nasceu em 1973 em Santo Antão, ilha de Cabo Verde.

A topografia acidentada, a sensualidade da paisagem — tanto no plano da geografia quanto no do humano —, assim como o cotidiano dos habitantes que vivem sob o sol, constituem as forças motrizes de seu percurso visual e poético.

Depois de completar o ensino primário, na Ribeira Grande, mudou-se para a Ilha de São Vicente, onde viveu suas primeiras experiências marcantes em contato com a paisagem local. Foi lá que descobriu as artes visuais para expressar suas emoções e suas preocupações.

Formado em Belas Artes pela Universidade Federal do Pará (Brasil), Bento, em sua prática artística, concentra-se na tessitura das lembranças.

Utiliza materiais locais e acessíveis, explora os saberes autóctones (cerâmica, técnicas de tecelagem, usos de matérias ligadas à terra e ao cotidiano das populações insulares), e desenvolve uma linguagem contemporânea voltada para o futuro, ao mesmo tempo que se inscreve num profundo respeito das tradições.

Prévia da obra apresentada
↘ Na Pundi





© DR

Universo sonoro da exposição

MansA convidou Rocé, rapper e produtor de origem argelina, para conceber a banda sonora da exposição.

Rocé, artista de múltiplas facetas, nasceu em Bab-el-Oued (Argélia), em 1977, e cresceu em Val-de-Marne. Próximo da Mafia K1Fry, foi um dos primeiros artistas lançados pelo selo do DJ Mehdi. Filho do resistente e militante anticolonialista Adolfo Kaminsky, Rocé registra em sua música o comprometimento político e a esperança transmitidos pelos seus pais.

Especialista das músicas de independência numa perspectiva panafricana, ele é reconhecido pelo seu trabalho de investigação, de resgate e de divulgação de repertórios africanos e afrodiaspóricos raros e engajados. Sua abordagem faz dele, portanto, o intérprete ideal para conceber o universo sonoro da exposição.



© DR

O catálogo da exposição

Verdadeiro prolongamento da exposição, este catálogo, disponível para venda no local e online, preserva a sua memória, ao mesmo tempo que oferece novas chaves de leitura.

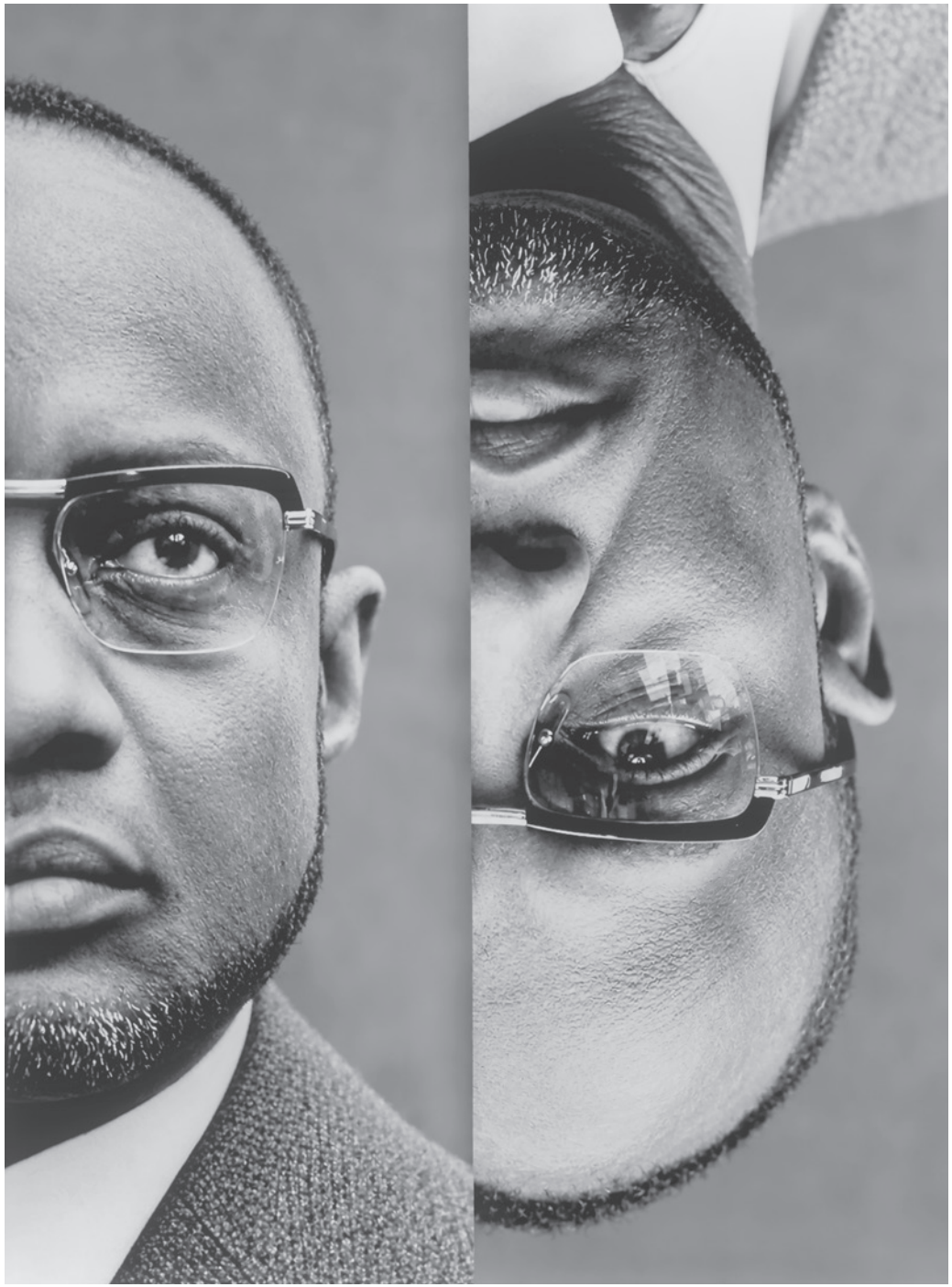
O catálogo prolonga a exposição *Amílcar Cabral: por um humanismo radical* e amplia as suas perspetivas.

Às obras apresentadas na exposição juntam-se os contributos de **Abel Djassi Amado, Amzat Boukari-Yabara, Armelle Dakouo, Annouchka de Andrade, Zoubida Debbagh, Angela Benoliel Coutinho e Seloua Luste Boulbina**. Investigadores/as, pensadores/as e agentes culturais cruzam aqui os seus olhares para lançar luz sobre as dimensões políticas, históricas, culturais e intelectuais do seu legado.

O catálogo reúne igualmente uma seleção de fotografias raras ou inéditas, bem como uma versão comentada da Banda Sonora concebida por Rocé, que reinscreve as músicas na história das lutas, das independências e da circulação de ideias de que Cabral faz parte.

Mais do que uma memória da exposição, esta publicação constitui, assim, um arquivo, um instrumento de transmissão e um convite a continuar a ler Cabral à luz do presente.

→ Disponível a partir de 31 de outubro



© Nú Barreto — *Nha História*, 2024

Programação cultural associada
↘ Encontros e debates

Para prolongar a reflexão em torno do pensamento de Amílcar Cabral e reforçar seu alcance universal, MansA propõe uma programação cultural rica e pluridisciplinar, composta por debates, concertos, performances e projeções.

A programação tem por ambição valorizar a diversidade das interpretações e das ressonâncias contemporâneas de sua obra, através dos olhares cruzados de artistas, intelectuais, professores universitários e ativistas, representando o mundo todo, com destaque para as vozes do continente africano.

↘ 22 de outubro de 2026
"To Defend the Earth is to Defend the Human": Cabral, precursor da agricultura regenerativa?

↘ 29 de outubro de 2026
Amílcar Cabral e a cultura como ferramenta de libertação

↘ 5 de novembro de 2026
Feminismos na luta de libertação em África: quais relações com os combates atuais?



© Paul Labourie, MansA / 2026

Programação cultural associada
↘ Programação MansA

→ 3 de novembro de 2026
Sessão de escuta do podcast Super Papa Djombo
Com Jérémi Nureni Banafunzi (diretor)

MansA Radio

→ 26 novembre 2026
Debate sobre a atualidade de Cabo Verde, por ocasião das eleições presidenciais de 2026

hors—champ

→ 3 de dezembro de 2026
Tina: ferramenta de resistência & memórias de mulheres da Guiné-Bissau
Com Daniela da Fonseca Gomes Nazaré

BANDE SONORE

→ 27 e 28 de outubro de 2026
→ 9 de novembro de 2026
→ 7 de dezembro de 2026
Ciclo de 4 projeções CinéMansA dedicado a Amílcar Cabral.

CinéMansA

→ 13 de dezembro de 2026
Para o encerramento da exposição, e marcando também o fim dessa sequência da programação, teremos uma apresentação ao vivo de tina, repertório musical tradicional das mulheres da Guiné-Bissau.



© Paul Labourie, MansA / 2026

CinéMansA

Sobre os filmes em exibição (1/4)

→ 27 de outubro de 2026
Nouvel Odéon (Paris 6ème)
20H

Concerning Violence

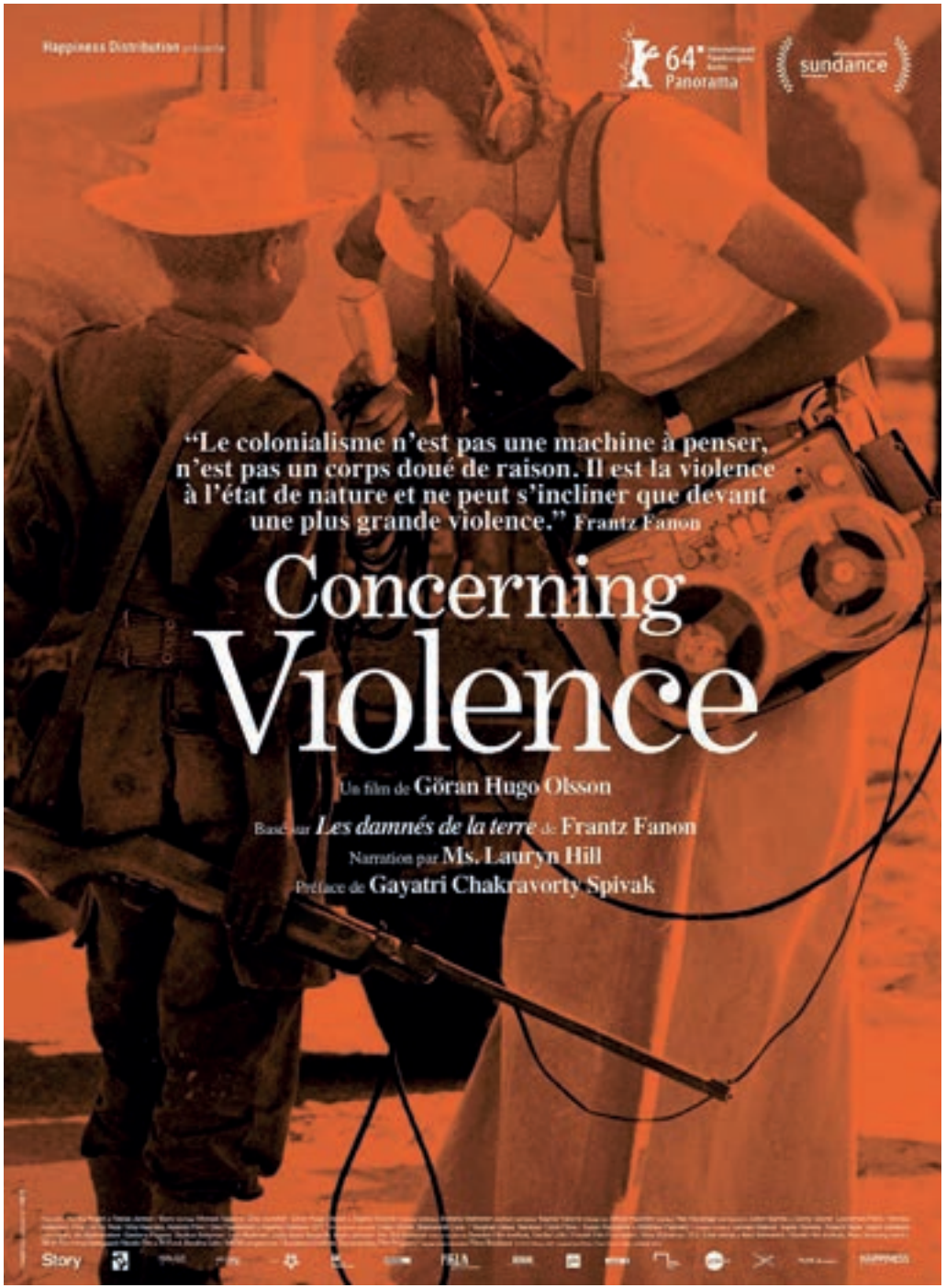
2014
Estados Unidos, Suécia, Dinamarca
Filme documental

Realização | Göran Hugo Olsson

"O colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado natural e só pode inclinar-se perante uma violência maior." (Frantz Fanon, *Os Condenados da Terra*, 1961)

Através dos textos de Fanon, *Concerning Violence* apresenta imagens de arquivo e várias entrevistas, traçando assim a história dos povos africanos e das suas lutas pela liberdade e pela independência.

A modernidade da abordagem estética de *Concerning Violence* oferece ao público uma nova análise dos mecanismos do colonialismo, permitindo, assim, uma outra leitura das origens dos conflitos atuais.



CinéMansA

Sobre os filmes em exibição (2/4)

→ 28 de outubro de 2026
Espace 1789 (Saint-Ouen)
14H

Àma Gloria
2023, 84 minutos
França
Ficção

Realização | Marie Amachoukeli

Cléo, uma menina de 6 anos, ama profundamente Glória, a ama que cuida dela desde que nasceu. No entanto, Glória precisa regressar com urgência a Cabo Verde, onde vivem seus filhos. Antes de partir, Cléo pede-lhe que faça uma promessa: revê-la o mais rapidamente possível. Glória convida então Cléo para passar um último verão com ela e sua família, em Cabo Verde.



CinéMansA

Sobre os filmes em exibição (3/4)

→ 10 de novembro de 2026
Nouvel Odéon (Paris 6ème)
20H

Resonance Spiral

2024, 92 minutos
Portugal, Guiné-Bissau
Documentário

Realização | Marinho de Pina, Filipa César

A Mediateca Offshore, em Malafo, uma aldeia da Guiné-Bissau, é um espaço de arquivos e um círculo dedicado às práticas agropoéticas.

Enquanto uma gravação de Amílcar Cabral evoca o feminismo, os realizadores exploram, no tarrafe, as contradições ligadas à representação da comunidade.



CinéMansA

Sobre os filmes em exibição (4/4)

→ 1 de dezembro
Nouvel Odéon (Paris 6ème)
20H

Cuba, Une Odyssée Africaine
(Partie 1 / Partie 2)
2007, 2 partes de 59 minutos
Reino Unido, França
Documentário

Realização | Jihan El Tahri

A África foi um dos principais, embora pouco conhecidos, teatros da Guerra Fria. Entre o bloco capitalista e o bloco socialista, os países recentemente independentes constituíram uma forma de terceira via.

Figuras revolucionárias africanas, como Lumumba, Cabral e Neto, recorreram aos guerrilheiros cubanos para apoiar suas lutas de libertação, conferindo a Cuba um papel central na estratégia ofensiva das nações do Terceiro Mundo contra o colonialismo dos antigos, assim como dos novos, impérios.



Uma exposição concebida por ...

→ DIREÇÃO
- ↘ Diretora Geral: Elisabeth GOMIS
- ↘ Diretora Geral adjunta: Christelle FOLLY

→ CURADORIA
- ↘ Cocuradoras: Armelle DAKOUO, Ângela COUTINHO, a partir de uma ideia original de Paula NASCIMENTO assistida por Maria João TEIXEIRA

→ PROGRAMAÇÃO e mediação
- ↘ Programadora: Zoubida DEBBAGH
- ↘ Assistente de programação: Louis HERBÉ LÉONARDI
- ↘ Responsável pela mediação e desenvolvimento de públicos: Cyrielle ANDRÉ

→ PRODUÇÃO
- ↘ Produtora: Irene BERALDO
- ↘ Coordenadora de produção: Karine LAGRANGE
- ↘ Equipe de produção: Carla LAFOURNIÈRE, Sarah PROVOST, Mariam SERHAN

→ COMUNICAÇÃO
- ↘ Diretor de comunicação e de parcerias: Axel BUSQUE
- ↘ Coordenação visual e editorial: Margaux DESLANDES, Sarah PROVOST
- ↘ Assistente de coordenação visual e editorial: Hope DEGRI-KOGUI
- ↘ Comunicação digital: Merry CASSINDA BUNDO
- ↘ Concepção gráfica: Studio Muro Claire MUCCHIELLI et Miriam BETOUX
- ↘ Relações com a imprensa: Frédérique MIGUEL

→ EDITORIAL
- ↘ Secretários de redação: Camille FONTAINE, Victor BARROS
- ↘ Tradutores·as: Daniela CERDEIRA, Magali PIERRET, Gregory PIERROT
- ↘ Conteúdo: Margaux DESLANDES
- ↘ Missão editorial: Mariette KOUAME

A MansA dirige os seus sinceros agradecimentos ao Institut Français du Portugal, à Embaixada de França em Portugal, à Embaixada de França na Guiné-Bissau, ao Centro Cultural Franco-Bissau-Guineense, ao Centro Nacional de Artesanato e Design de Cabo Verde, ao Centro Cultural do Mindelo, à Associação dos Amigos de Sarah Maldoror e Mário de Andrade, à Fundação Amílcar Cabral, à Fundação Mário Soares e Maria Barroso e à Fundação Basso, aos colecionadores Ricardo Barbosa Vicente, Ana Marta Clemente, Manuel Macedo Alves e Francisco Vidal.

Parceiros de comunicação







France
médias
monde







Nektar



BANTUMEN

Informações práticas

↘ Amílcar Cabral: por um humanismo radical

De 16 de outubro a 13 de dezembro de 2026

MansA-Maison des Mondes Africains
26 rue Jacques Louvel-Tessier, Paris 10ème
Métro Goncourt (linha 11) ou République (linhas 11, 3, 5, 8 et 9) *Sem Linha 8 até abril de 2027.*

A exposição é gratuita e aberta a todas e todos, de quarta-feira a domingo das 14h às 19h, mediante reserva no mansa.fr

---

Para informações complementares sobre a exposição, entrar em contato com:
→ **Relations presse**
presse@mansa.fr



© Mariette Kouame, MansA / 2025